

A INTERTEXTUALIDADE E A TESSITURA TEXTUAL

Jáfta Hellany Costa e Silva ¹

RESUMO

Para compreendermos o fenômeno intertextualidade é necessário nos debruçarmos sobre o conceito de texto, já que aos olhos das diferentes disciplinas teóricas como a Linguística Textual, o texto em primeiro momento era visto pelos pesquisadores como uma entidade abstrata ou a unidade mais alta do sistema linguístico. Considerado como objeto, o texto sofreu inúmeras transformações durante as várias etapas do seu desenvolvimento, o que culminou em estudos voltados para os mecanismos de coesão textual e as relações sintático-semânticas que lhe garantiam a continuidade de sentido. Em um dado momento, houve uma virada-pragmática trazendo como objeto de estudo o “texto em funções” no qual sua análise discorria sobre uma série de fatores como: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e a intertextualidade. Este artigo tem como objetivo: Apresentar as relações referenciais (anáforas e catáforas) construídas em um texto; Analisar a organização da narrativa enfatizando os diferentes momentos e suas relações; Mostrar como as escolhas de palavras e o uso de recursos estilísticos contribuem para a construção de sentido e criação de efeitos ao leitor. Para este estudo realizaram-se pesquisas de caráter bibliográfico sobre a literatura de autores como: Ingedore Villaça Koch, Irandé Antunes, Maria Zilda Paulino e Mikail Bakhtin. Como resultado, percebeu-se que um texto não pode ser avaliado ou compreendido isoladamente o mesmo sempre dialoga com outros textos revelando uma relação de seu interior com seu exterior. Não podemos produzir um texto sem nos vincularmos a outros textos previamente enunciados, seja por meio da manipulação de determinados intertextos ou por meio de modelos abstratos e a recepção do discurso.

Palavras-chave: coesão e coerência, intertextualidade, linguística, pragmática, texto.

INTRODUÇÃO

A intertextualidade é um tema cujo estudo parte de teorias distintas, tanto pelo viés da Linguística, como também por uma série de outras disciplinas, particularmente a Teoria da Literária. A Linguística textual partiu seu estudo voltado ao postulado dialógico de Bakhtin em 1929 em que um texto não pode ser avaliado ou compreendido isoladamente, este sempre dialoga com outros textos.

Em 1960, o Texto era visto como uma entidade abstrata, ou seja, a unidade mais alta do sistema linguístico cujas regras combinatórias cabiam a Linguística Textual determinar. Esse período foi responsável pelos estudos sobre os mecanismos da coesão textual. Num segundo momento, por volta de 1970 ocorreu o que chamamos Segundo Koch (2004) de “Virada pragmática” ampliando o conceito primitivo de texto sob influência de teorias de ordem enunciativa, como: Teoria da atividade verbal, A Teoria dos Atos de Fala e a Teoria da Enunciação. O “texto em funções” no qual sua análise discorria sobre uma série de fatores como: intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e a intertextualidade.

¹ Pós-graduanda em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa da UNINASSAU-PE, hellanyjafta@gmail.com;



Em 1980 os estudos em Linguística Textual voltaram-se aos mecanismos, processos e estratégias de ordem cognitiva responsável pelo processamento textual e pela construção de sentidos de forma a ampliar o conceito de texto. A coesão e a coerência não podiam ser vistas apenas como algo estanque, seria necessário compreender que na construção de ambas operam processos de ordem cognitiva. O texto não pode ser apenas um amontoado de frases isoladas, ao produzi-lo precisamos conhecer a relação dos termos anáfora e catáfora na coesão textual e em sua estrutura.

Esses recursos são responsáveis pela coesão do texto, porém não são os únicos. Há outros mecanismos responsáveis por estabelecer relação de sentido entre os enunciados ou partes destes, que são as conjunções. É por meio desses mecanismos que vamos tecendo o texto e dando significado é o que denominamos coesão textual.

Considerado como objeto, o texto sofreu inúmeras transformações durante as várias etapas do seu desenvolvimento, o que culminou em estudos voltados para os mecanismos de coesão textual e as relações sintático-semânticas que lhe garantiam a continuidade de sentido. Este artigo tem como objetivo: Apresentar as relações referenciais (anáforas e catáforas) construídas em um texto; Analisar a organização da narrativa enfatizando os diferentes momentos e suas relações; Mostrar como as escolhas de palavras e o uso de recursos estilísticos contribuem para a construção de sentido e criação de efeitos ao leitor. Para este estudo realizaram-se pesquisas de caráter bibliográfico sobre a literatura de autores como: Ingedore Villaça Koch, Irandé Antunes, Maria Zilda Paulino e Mikail Bakhtin.

Como resultado, percebeu-se que um texto não pode ser avaliado ou compreendido isoladamente o mesmo sempre dialoga com outros textos revelando uma relação de seu interior com seu exterior. Não podemos produzir um texto sem nos vincularmos a outros textos previamente enunciados, seja por meio da manipulação de determinados intertextos ou por meio de modelos abstratos e a recepção do discurso.

METODOLOGIA

Para este estudo realizaram-se pesquisas de caráter bibliográfico sobre a literatura de autores como: Ingedore Villaça Koch, Irandé Antunes, Maria Zilda Cury e Mikail Bakhtin. Leitura e análise crítica de cada obra pontuando as relações referenciais (anáforas e catáforas) construídas em um texto; Foi analisada a organização da narrativa enfatizando os diferentes momentos e suas relações; Verificou-se como as escolhas de



palavras e o uso de recursos estilísticos contribuem para a construção de sentido e criação de efeitos ao leitor.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreendermos o papel da intertextualidade precisamos debruçar sobre o conceito de texto, O que é um texto? Qual a sua intenção? Que mensagem este quer transmitir? Segundo Koch (2010), um texto não é simplesmente uma sequência de frases isoladas, mas uma unidade linguística com propriedades estruturais específicas –, tais gramáticas têm por objetivo apresentar os princípios de constituição do texto em dada língua.

A Linguística do Texto é responsável pela análise minuciosa de como ocorre a construção textual. Em 1970, a referida teve como objetivo estudar como ocorrem os fenômenos sintático-semânticos nos enunciados ou sequência de enunciados, daí surgiu o que denominamos de análise transfrástica. Na mesma década muitos estudiosos ainda atinham-se a gramática estrutural ou a gramática gerativa.

A partir de 1980, a Linguística textual apresentou diversas vertentes e entres os principais representantes podemos citar:

- *Beaugran & Dressler*: Dedicaram-se ao estudo dos principais critérios ou padrões de textualidade e do processo cognitivo do texto. Seus critérios eram coesão e coerência centradas no texto, a informatividade, a situacionalidade e a aceitabilidade centrada nos usuários.
- *Gívón*: Seus estudos eram filiados pela linha americana da Análise do discurso, preocupava-se com as formas de construção linguística do texto, os estudos de mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse processamento. Suas pesquisas enviesavam-se pelo viés da Psicologia da Cognição e da Inteligência Artificial.
- *Weinrich*: Suas pesquisas voltava-se a construção de uma macrosintaxe do discurso pelo viés das categorias gramaticais como: os artigos, os verbos e entre outros. Aprecia o método heurístico que consiste em unir a análise frasal por tipos de palavras e a estrutura sintática de um texto em um só modelo, ou seja, uma partitura textual.
- *Van Dijk*: Seu trabalho é voltado para o estudo das macroestruturas textuais, como: a produção de resumos; e as superestruturas ou esquemas textuais, a então Tipologia Textual.



- *Petöf*: Suas análises eram voltados a teoria semiótica dos textos verbais a que denominou TeSWeST (Teoria da Estrutura do Texto Estrutura do Mundo), objetivando analisar o relacionamento entre a estrutura de um texto e a interpretação extensional.
- *Schmidt*: Observava a textualidade como o modo de toda e qualquer comunicação transmitida por sinais, inclusive os linguísticos. Daí preferir a denominação Teoria de Texto a Linguística de Texto.
- *Charolles, Combettes, Vigner, Adam*: Eram linguistas franceses que se dedicavam aos problemas de ordem textual e à operacionalização dos construtos teóricos para o ensino de línguas.

A Linguística Textual passa a analisar como objeto de estudo, não, mas a palavra ou frase isolada, e sim o texto. A coesão é uma ferramenta que faz com que um conjunto de palavras funcione como um texto. Para que esse grupo de palavras exerça essa função é necessário um encadeamento, articulação e elos em um texto para a construção do seu sentido.

Para reconhecê-la é necessário compreender os tipos de nexos textuais, pois a continuidade do sentido do texto se estabelece pelas ações de linguagem que o texto realiza. Para Antunes (2010, p.117) A coesão é mais tipicamente linguística do que a coerência, isto é, se materializa nas ocorrências de vários recursos morfossintáticos e lexicais ou, noutros termos, se faz pela mediação das relações semânticas entre palavras e categorias gramaticais.

A ligação entre coesão e coerência ocorre pelo fato de ambas estarem a serviço do caráter semântico do texto, sua relevância comunicativa e interacional. Antunes (2010, p.117) afirma: A primeira está em função da segunda. Uma provê a outra pois o que está na superfície (sonora ou gráfica) do texto (a coesão) está para possibilitar a expressão de um sentido, a construção de uma ação de linguagem (a coerência).

Não pode existir um texto coeso e coerente sem o léxico e a gramática, pois o primeiro é apenas uma possibilidade dentro do rol de palavras disponíveis para atualizarem um sentido na construção de um texto. Em contrapartida, a gramática fora do uso é um conjunto de categorias e regras abstratas. Para compreendê-los é importante analisar os tipos de nexos textuais e sua função. Os nexos textuais são elos que unem dois pontos do texto estabelecendo tipos diferentes de ilação. Existem também nexos criados pela ocorrência de conjunções, preposições, advérbios e locuções. São estes:



- *Nexos de equivalência*: Ocorre quando dois pontos do texto apresentam entre si um tipo qualquer de equivalência semântica. Ex.: ‘O guaraná em lata’/‘O tal refrigerante.
- *Nexos de contiguidade*: Acontecem entre dois pontos do texto estabelecendo uma relação de equivalência parcial. Ex.: ‘A publicidade na TV’/ ‘A publicidade’. Observe que não há entre os dois objetos uma equivalência, pois a publicidade existe para além da TV.
- *Nexos de associação*: Ocorre quando duas ou mais palavras tem relação de proximidade semântica de maneira que uma lembra a outra. Ex.: TV--
-----Telespectador.
- *Nexos de sequenciação*: Acontecem pela ocorrência das expressões comumente chamadas de conectivos, ou seja, as conjunções e entre outros. São nexos que figuram entre parágrafos, períodos e orações.

Tendo como base essa relação estabelecida pelos operadores de coesão e coerência atentamo-nos para a análise realizada por Koch e Antunes sob a fábula “Os urubus e as sábias” de Rubem Alves.

(1) “Tudo aconteceu numa terra distante, no tempo em que os bichos falavam...
(2) Os urubus, aves por natureza becadadas, **mas** sem grandes dotes para o canto, decidiram que, **mesmo** contra a natureza eles haveriam de se tornar grandes cantores.
(3) E **para** isto fundaram escolas e importaram professores, gargarejaram dó-ré-mi-fá, mandaram imprimir diplomas, e fizeram competições entre si, **para** ver quais deles seriam os mais importantes e teriam a permissão para mandar nos outros. (4) **Foi assim que** eles organizaram concursos e se deram nomes pomposos, e o sonho de cada urubuzinho, instrutor em início de carreira, era se tornar um respeitável urubu titular, a quem todos chamam de Vossa Excelência. (5) Tudo ia muito bem **até que** a doce tranquilidade da hierarquia dos urubus foi estremecida. (6) A floresta foi invadida por bandos de pintassilgos tagarelas, que brincavam com os canários e faziam serenatas para os sabiás... (7) Os velhos urubus entortaram o bico, o rancor encrespou a testa, **e** eles convocaram pintassilgos, sabiás e canários para um inquérito.
— Onde estão os documentos dos seus concursos? (9) **E** as pobres aves se olharam perplexas, **porque** nunca haviam imaginado que tais coisas houvessem. (10) Não haviam passado por escolas de canto, **porque** o canto nascera com elas. (11) E nunca apresentaram um diploma para provar que sabiam cantar, **mas** cantavam



simplesmente...

(12)— Não, assim não pode ser. Cantar sem a titulação devida é um desrespeito à ordem.

(13) E os urubus, em uníssono, expulsaram da floresta os passarinhos que cantavam sem alvarás...”.

(14) **MORAL:** Em terra de urubus diplomados não se houve canto de sabiá.

O texto acima foi extraído do livro "Estórias de quem gosta de ensinar — O fim dos Vestibulares", editora Ars Poética — São Paulo, 1995, pág. 81.

Para Koch (2010) um texto não é apenas uma soma ou sequência de frases isoladas. Os termos em destaque acima são elementos da língua que têm por função precípua estabelecer relações textuais, ou seja, recursos de coesão textual. Assim, tudo, em (1), remete a toda a sequência do texto, sendo, pois, um elemento **catafórico**. Por seu turno, isto, em (3), remete para o enunciado anterior; é, portanto, **anafórico**, do mesmo modo que tudo. E que há outro grupo de mecanismos cuja função é assinalar determinadas relações de sentido entre enunciados ou partes de enunciados, como, por exemplo: **oposição ou contraste** (mas, em (2) e (11)); mesmo, em (2); **finalidade ou meta** (para, em (3) e (11)); **consequência** (foi assim que, em (4); e, em (7); **localização temporal** (até que, em (5)); **explicação ou justificativa** (porque, em (9) e (10)); **adição de argumentos ou ideias** (e, em (11))). É por meio de mecanismos como estes que se vai tecendo o “tecido” (tessitura) do texto. A este fenômeno é que se denomina coesão textual.

Em contrapartida, Antunes (2010 p. 96-103) estabeleceu sua análise com uma série de critérios pré-estabelecidos, são eles:

- *Quanto ao universo de referência:* O texto remete para o mundo da ficção, para um lugar e um tempo em que “os bichos falavam” pelo que se sabe um lugar e um tempo que não existiram. A fábula pode ser considerada ao domínio da literatura e pedagógico. Percebe-se um certo nível de formalidade, conforme a norma prestigiada da língua. Os destinatários previstos são leitores interessados pelas questões institucionais. O conjunto desses fatores leva o autor para uma formulação discursiva mais elaborada e questões linguísticas mais prestigiadas.



- *Quanto à unidade temática:* O percurso da fábula em análise respeita uma sequência de fatos que constitui o núcleo da metáfora criada: a irracionalidade dos humanos, na avaliação de determinados direitos sociais.
- *Quando a progressão do tema:* A progressão do tema está vinculada à sequência de fatos: o projeto dos urubus ou suas pretensões em se tornarem cantores; Há um esquema de desenvolvimento bem claro, uma situação de desequilíbrio é criada, frente à constatação de que o estabelecido não satisfaz. A sequência (temporal ou causal) das ações é indicada linguisticamente, sobretudo no início dos sucessivos parágrafos.
- *Quanto ao propósito comunicativo:* O texto, como todas as fábulas parece ser apenas uma narrativa curta, sem outro grande propósito que não contar um fato ou relatar uma trama que têm como atores animais personificados, numa representação metafórica da convivência humana. No caso em análise, o ponto de vista é a prepotência de alguns detentores do poder, que abusam da autoridade para fazer valer suas vontades.
- *Quanto aos esquemas de composição do texto, conforme seu tipo e gênero:* Do tipo narrativo, o texto se desenvolve em torno de uma série de fatos imaginários, que fazem parte de uma trama maior, a qual tem lugar num espaço (a floresta) e envolve, como agentes, seus habitantes (as aves). Quanto ao gênero, são evidentes as características da fábula: a criação de uma narrativa com animais que, personalizados protagonizam uma cena qualquer, em que se pode reconhecer, metaforicamente, a atuação de humanos como pretextos para defesa de um determinado valor moral.
- *Quanto à relevância informativa:* O interesse despertado pela fábula em questão reside na abordagem metafórica dada à crítica central: as instituições (e suas leis) podem desconsiderar as determinações naturais de seus membros.

Quando às relações com outros textos tomamos para análise o conto “Festa no Céu” e a fábula “Os urubus e as sábias” e sua relação com a intertextualidade ocorrida em ambos.



A Festa no Céu

Luís Câmara Cascudo

Entre os bichos da floresta, espalhou-se a notícia de que haveria uma festa no Céu.

Porém, só foram convidados os animais que voam.

As aves ficaram animadíssimas com a notícia, começaram a falar da festa por todos os cantos da floresta.

Um sapo, que vivia no brejo, lá no meio da floresta, ficou com muita vontade de participar do evento. Resolveu que iria de qualquer jeito, e saiu espalhando para todos, que também foi convidado.

Os animais que ouviam o sapo contar vantagem riam dele.

– Imaginem o sapo, pesadão, não aguenta nem correr, quem diria voar até a tal festa!

Durante muitos dias, o pobre sapinho virou motivo de gozação de toda a floresta.

– Tira essa ideia da cabeça, amigo sapo. – disse o esquilo – bichos como nós, que não voam, não têm chances de aparecer na Festa no Céu.

Mas o sapo tinha um plano.

Horas antes da festa, procurou o urubu que era tocador de viola. Conversaram muito e se divertiram com as piadas que o sapo contava.

Já quase de noite, o sapo se despediu do amigo:

– Bom, meu caro urubu, vou indo para o meu descanso, afinal, mais tarde preciso estar bem-disposto e animado para curtir a festa.

– Você vai mesmo, amigo sapo? – perguntou o urubu, meio desconfiado.

– Claro, não perderia essa festa por nada. – disse o sapo já em retirada.

Porém, em vez de sair, o sapo deu uma volta, pulou a janela da casa do urubu e vendo a viola dele em cima da cama, entrou dentro dela.

Chegada a hora da festa, o urubu pegou a sua viola, amarrou-a em seu pescoço e voou em direção ao céu.

Ao chegar lá, o urubu deixou sua viola num canto e foi procurar as outras aves. O sapo aproveitou para espiar e, vendo que estava sozinho, deu um pulo e saltou da viola, todo contente.

As aves ficaram muito surpresas ao verem o sapo dançando e pulando no céu. Todos queriam saber como ele havia chegado lá, mas o sapo esquivando-se mudava de conversa e ia se divertir.



Estava quase amanhecendo, quando o sapo resolveu que era hora de se preparar para pegar carona na viola do urubu. Saiu sem que ninguém percebesse, e entrou na viola, que estava encostada num cantinho do salão.

O sol já estava surgindo, quando a festa acabou e os convidados foram voando, cada um para o seu destino.

O urubu pegou a sua viola e voou em direção à floresta.

Voava tranquilo, quando no meio do caminho sentiu algo se mexer dentro da viola. Espiou dentro do instrumento e avistou o sapo dormindo, todo encolhido, parecia uma bola.

– Ah! Que sapo folgado! Foi assim que você foi à festa no Céu? Sem pedir, sem avisar e ainda me fez de bobo!

E lá do alto, ele virou sua viola até que o sapo despencou direto para o chão.

A queda foi impressionante. O sapo caiu em cima das pedras do leito de um rio e, mais impressionante ainda foi que ele não morreu.

Mas nas suas costas ficaram as marcas da queda, uma porção de remendos. É por isso que os sapos possuem uns desenhos estranhos nas costas, é uma homenagem de Deus a este sapinho festeiro.

Para Antunes (2010, p.101) A intertextualidade básica é aquela comum ocorrida a todos os textos: cada um está em relação intertextual com todos os outros do mesmo tipo e do mesmo gênero. Ao fazermos a leitura de ambos os textos nota-se que ao final da estória há um ensinamento. Em “*Os Urubus e os sábias*” Rubem Alves faz uma crítica a regimes muito rígidos, a figura dos animais personalizados que metaforicamente atuam como humanos com o pretexto de defender um determinado valor moral.

No texto II “*A festa no céu*” observa-se a importância de reconhecer e respeitar seus próprios limites, pois a ambição pode trazer consequências catastróficas. A estória ressalta a luta pelos seus sonhos, usando a inteligência para superar obstáculos e que a astúcia não substitui a falta de habilidade. O que alude a personagens com características e comportamentos humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Um texto não pode ser avaliado ou compreendido isoladamente o mesmo sempre dialoga com outros textos revelando uma relação de seu interior com seu exterior. Não podemos produzir um texto sem nos vincularmos a outros textos previamente enunciados, seja por meio da manipulação de determinados intertextos ou por meio de modelos abstratos e a recepção do discurso.

A coesão e coerência são peças inseparáveis de um quebra-cabeça textual, sem elas não conseguimos alcançar a estética da produção com maestria. Os recursos linguísticos e os mecanismos de coesão como: conjunções, pronomes, preposições, bem como outros elementos devem andar de mãos dadas na produção textual.

É necessário que ao trabalhar esses termos gramaticais em sala de aula, seja dada a real importância e funcionalidade na criação de um texto, pois o aluno acredita na maioria das vezes que é apenas um conteúdo gramatical e não conhece de fato a sua relevância e empregabilidade na construção escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever um texto é desenrolar um emaranhado de fios que se ajusta ao contexto e o sentido transporto pelo interlocutor e sua intencionalidade. A intertextualidade nos desperta a criatividade e desenvolve a capacidade comunicativa que transcende a magnitude das palavras. Ao cocriarmos ou recriarmos um texto damos vida nova a uma ideia já estabelecida embelezando-a e fazendo uso dos recursos da construção da linguagem para que este texto seja entregue na melhor forma possível com clareza, coesão e coerência.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Jesus Cristo, por ter me concedido a honra de participar do CONEDU XI e estar publicando pela primeira vez dois artigos científicos. Agradeço a minha avó Dona Teodora por ter sido uma mãe-avó exemplar e ter me ajudado a ser a profissional que sou hoje. Dedico a minha mãe Maria Josalva Costa e Silva (In memoriam) e ao meu noivo Ítalo Farias por me dar forças e acreditar que posso realizar todos os meus sonhos (Te amo). Porque "Até aqui me ajudou o Senhor" 1 Samuel 7:12.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Análise de textos: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.



ANTUNES, Irandé. Muito Além da Gramática: por um ensino sem pedras no caminho. SP: Parábola Editorial, 2007.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A coesão textual. 18. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1994 (primeira edição), e outras reedições posteriores, como a de 2003.

CURY, M. Z. F.; PAULINO, G. R.; WALTY, I. L. C.. (Intertextualidades: Teoria e Prática). Belo Horizonte: Editora Lê, 1997.

